



**A VIDA
PRIVADA
DAS ELITES
DO ESTADO
NOVO**



CONCEIÇÃO QUEIROZ



*À memória da minha mãe.
Ao meu pai, sempre presente e a encorajar-me
a seguir em frente.*

ÍNDICE

Introdução	11
Parte I Rotinas de luxo	17
Parte II Portugal depois da II Guerra Mundial	49
Parte III A consolidação dos Impérios	73
Parte IV A visita da rainha de Inglaterra a Portugal e as festas paralelas	93
Parte V A educação	131
Parte VI A semana mais agitada do Estado Novo	147
Agradecimentos	195
Índice Onomástico	199
Entrevistas	203
Fontes	205
Bibliografia	209
Anexos	215

INTRODUÇÃO

É fascinante a história das famílias mais ricas do regime salazarista, a forma como foram protegidas, além da vida abastada que levaram. Se as benesses concedidas por Salazar a estes grupos foram já estudadas de forma aprofundada, a minuciosidade dos luxos que os contornavam, os pontos de encontro, todas as suas práticas sociais, os caminhos que ditavam as preferências no dia-a-dia, a própria educação ou o modo como o dinheiro era empregue em distintas ocasiões são aspectos que podem agora ser observados em detalhe, recorrendo a novos depoimentos. Este livro procura descrever e sistematizar muitas das práticas sociais. Todo o contexto histórico, social, político, cultural e económico, a partir do pós-guerra, influenciou o crescimento das elites em Portugal, e esses grupos restritos e discretos reforçaram-se, construíram impérios e usufruíram socialmente dos avultados rendimentos.

A Vida Privada das Elites do Estado Novo mostra como os elementos da alta sociedade se aproximam, devido aos hábitos enraizados e aos costumes que cultivam. Nestas páginas, desvendo as suas vidas, que se distanciam das da restante população: a que sobrevive em condições severas.

Pelos estilos de vida constata-se o contraste entre as classes sociais mais altas e as mais baixas, mesmo quando a pequena e média burguesia, dentro da conjuntura de crescimento económico que se verificava então, revelar sinais de conforto na vida quotidiana — o certo é que as suas práticas nunca chegam a equiparar-se aos estilos exclusivos das classes dominantes.

Ora, diferentes condições sociais acabam por equivaler a estilos de vida igualmente distintos. Nesta perspectiva, as idas ao ballet e à ópera, a presença em banquetes, a prática de determinados desportos e as dispendiosas viagens intercontinentais relacionam-se com o estatuto social — no seu conjunto representam movimentos que quase sempre se transformam em claras rotinas.

Olha-se também para a monarquia que elegeu a riviéra portuguesa (Estoril e Cascais) para fugir aos horrores da Segunda Guerra Mundial. A zona onde se instalou transformou-se, quando invadida por estrangeiros com hábitos de vida que em nada se assemelhavam aos conservadores costumes portugueses.

É ainda evidenciado o que envolveu a visita oficial a Portugal da rainha de Inglaterra em 1957, tendo servido sobretudo

para o reconhecimento internacional do Estado de Salazar. Observa-se o impacto da televisão e as construções para as massas — o primeiro grande evento transmitido foi exactamente a chegada da monarca a Portugal.

O período em análise é específico: 1945–1968.

A escolha deste intervalo de tempo prende-se, em primeiro lugar, com a fase associada ao fim da Segunda Guerra: é um período de reorganização do país, num braço-de-ferro entre a agricultura e a indústria, na elaboração de Planos de Fomento, nos grandes investimentos em obras públicas usadas para reforçar a propaganda do Estado Novo, no crescimento económico, no florescer das elites. Reconhece-se, naturalmente, um Regime sempre a favor do patronato.

O intervalo temporal fecha-se em 1968, ano marcado pela realização de duas grandiosas festas na mesma semana, e que deixaram marcas no salazarismo — em Setembro desembarcaram em Lisboa quase duas mil individualidades com prestígio mundial, a convite de dois estrangeiros multimilionários que tinham residência em Portugal: o boliviano Antenor Patiño, magnata do estanho, e o americano Pierre Schlumberger, homem forte nos negócios do petróleo. Na primeira semana de Setembro organizaram, nas suas mansões de Alcoitão e Colares, respectivamente, banquetes que pela dimensão e exibicionismo inquietaram Oliveira de Salazar, o presidente do Conselho, apesar da sua debilidade — na sequência da queda da cadeira, no Forte do Estoril, Salazar estava internado enquanto decorria a festa na Quinta Patiño.

A informação publicada na época sobre os badalados bailes é agora recuperada e tratada de forma exaustiva. Esses elementos cruzam-se com entrevistas a figuras que testemunharam muitos dos acontecimentos. São depoimentos de quem privou com os dois multimilionários, com D. Juan Carlos, rei de Espanha, com o rei Humberto II de Itália, com a rainha Joana da Bulgária, com os duques de Windsor ou com os condes de Paris. Testemunhos de quem também conversou com Grace Kelly, com os costureiros Valentino e Givenchy, com a actriz Gina Lollobrigida e com Henry Ford, o magnata da indústria automóvel.

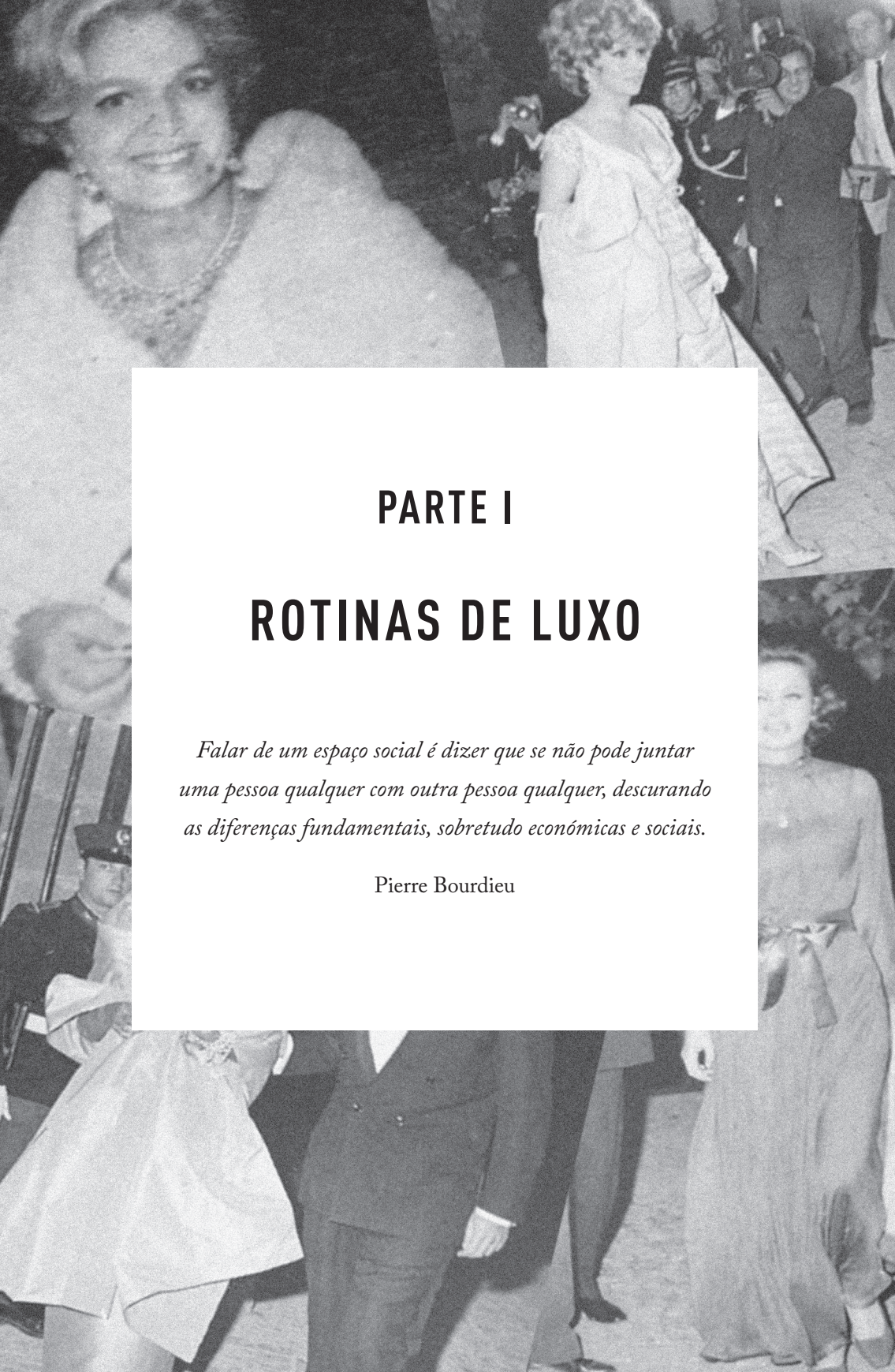
Junta-se aqui o depoimento de quem cuidadosamente tratou dos netos do clã Patiño e acompanhou Beatriz, a esposa de Antenor Patiño, até à morte. Neste livro, a empregada alentejana da família de Cascais faz revelações surpreendentes.

Mais de quatro décadas após estes acontecimentos, várias personalidades disponibilizaram-se a colaborar através de entrevistas presenciais, na maioria dos casos. Uns ajudam-nos a compreender mais claramente a reorganização económica do país a partir de 1945; outros recordam as formas de educação e as práticas sociais; muitos têm memórias nítidas dos bailes de 1968 e não esquecem a relação de Patiño com Salazar. Neste ponto, a pesquisa que realizei engloba documentos conservados no arquivo de Oliveira Salazar na Torre do Tombo, acerca da relação do presidente do Conselho com Antenor Patiño — em 1958, o milionário boliviano fez um pedido de audiência e, nos anos 60, doou obras de arte ao governo português

destinadas à decoração de uma das salas do Museu de Arte Antiga, que ainda preserva o espólio.

As páginas que se seguem não deixam de dar voz a elementos da baixa burguesia, mas focam-se essencialmente nos que dominam a sociedade.

Conceição Queiroz



PARTE I

ROTINAS DE LUXO

Falar de um espaço social é dizer que se não pode juntar uma pessoa qualquer com outra pessoa qualquer, descurando as diferenças fundamentais, sobretudo económicas e sociais.

Pierre Bourdieu

De bengala, vestido às cores, casaco sobre os ombros e uns óculos escuros enormes que disfarçam a nódoa negra provocada por uma queda — apresenta-se assim Maria Guadalupe, por volta do meio-dia e meia, junto a uma das pastelarias da Avenida Duque d'Ávila, em Lisboa. Deve estar perto dos 90 anos, mas não diz a idade. Fala baloiçando o corpo. «Isto está uma confusão. Vamos tomar um chá.»

Já é hora de almoço e a pastelaria também serve refeições.

«Almoçamos? Tem de ser. Quero uma coisa leve», diz ela.

Pede alheira com batatas fritas e um copo de vinho tinto. A sala está cheia, com as televisões todas ligadas e os empregados a berrarem.

Conta as histórias enquanto come. «Era tanta festa.» Refere alguns dos pontos de encontro das famílias mais ricas durante o Estado Novo. «A Parada de Cascais era o sítio mais chique. Era um clube. Convivia-se, almoçava-se, jantava-se. A vida social das pessoas com dinheiro passava muito pela Parada de Cascais.»

É a mais antiga cronista social portuguesa. Mãe de três filhos, troca Viseu por Lisboa quando completa 17 anos. Até então estuda por lá, no Colégio de Nossa Senhora da Imaculada Conceição. Quando chega a Lisboa, trabalha

para a revista *Gente*, para a *Olá* (desde a 1.^a edição), está em reportagem nas famosas festas de Setembro de 1968, nos palacetes dos dois milionários estrangeiros já referidos — Patiño e Schlumberger —, e escreve sobre muitos outros encontros privados que têm lugar durante a ditadura. Por mais incrível que pareça, Maria Guadalupe continua no activo: faz a cobertura da vida social e de festas privadas para a publicação *Moda e Moda*. Nesses eventos aparece sempre alguém que não é convidado. «Digo ao fotógrafo para apanhar só as pessoas importantes. As pirosas e as emergentes não.»

Gostos e hábitos, escolhas e rotinas, consumos e capacidade económica definem estilos de vida; e assim, no Estado Novo de Salazar, as elites se distanciam das massas, dedicando-se àquilo que para muitos é inacessível: provas de equitação, corridas de cavalos no estrangeiro, partidas de ténis, jogos de golfe, caça, esqui, viagens intercontinentais, torneios de esgrima; encontros no Turf Club, na Parada de Cascais e no Ritz; idas ao ballet, à ópera e às estreias de peças de teatro; tudo sem deixarem de frequentar o clube de tiro aos pombos do Estoril nem de perderem oportunidades de se deslocarem a Nova Iorque, Londres, Paris e Itália, onde podem acompanhar as tendências da alta-costura. São essas algumas das preferências que preenchem os tempos livres de um grupo forte, embora minoritário.

Em 1949, *O Século Ilustrado* de 3 de Setembro evidencia a imagem da condessa de Barcelona a condecorar a vencedora

portuguesa, numa prova de hipismo. Está também presente na cerimónia a condessa de Paris. Mais: o *Diário Popular* de 24 de maio de 1952 refere o muito falado Rali Internacional realizado no Estoril, assim como a Festa da Primavera. Os jornais e as revistas da época destacam muitos dos acontecimentos que envolvem a vasta vida social das elites.

Maria Guadalupe olha-me nos olhos enquanto desfaz a alheira: «Os homens importantes jogavam golfe.»

A verdade é que as mulheres também jogam — todos os domingos, Maria Joana Leitão, da alta sociedade e amiga pessoal de Valentino (o incontornável nome da alta-costura), vai para o Estoril, apesar de estar quase sempre à espera de bebé. Teve seis filhos. Hoje, já só quatro são vivos. Tem 87 anos e um bom gosto incomparável. Não perde desfiles de moda. «Eu gostava muito do Sérgio Sampaio. Vi-o começar numa lojinha na Rua do Carmo e vi-o crescer. Começou a fazer roupa como a do Yves Saint Laurent e, a certa altura, convidou-me para o ajudar a escolher os melhores modelos. Foi um privilégio para os dois. Também assisti muitas vezes aos desfiles das casas Candidinha e Ana Maravilhas.»

Ainda à mesa no restaurante da Duque d'Ávila, Maria Guadalupe fala do lazer. «Muitos tinham barcos. Ia-se ao Guincho, dava-se várias voltas. A vida era assim.» Desses passeios, Ana Maria Syder Santiago, outra figura da elite, que me recebe na sua casa, no Restelo, também guarda memórias: «O meu pai tinha barco, os Espírito Santo também. Levávamos farnel, almoçávamos na baía de Cascais. O nosso

primeiro barco chamava-se *Mar e Sol*, uma traineira transformada, e era o único que tinha prancha.» Também Maria Joana Leitão não falha os encontros pelo Tejo. «Íamos de barco com o Champalimaud e outras pessoas. Fazíamos o rio ao fim-de-semana.»

Laurinda Farmhouse abre a porta do seu apartamento com simpatia. Fita-me de alto a baixo enquanto nos sentamos no confortável sofá. É uma das costureiras dos mais ricos e ex-funcionária da casa de alta-costura Candidinha. Não sabe por onde começar. Está cheia de lembranças: «As caçadas à perdiz, à lebre, ao javali. Eram caçadas que incluíam a participação do Presidente da República.»

Continuo frente a Ana Maria Syder Santiago, no Restelo. A antiga velejadora, também dedicada ao desporto equestre, nascida em 1937, confirma: «Sim, as caçadas à raposa contavam muitas vezes com Craveiro Lopes, o Presidente da República em funções entre 1951 e 1958. Era um cavaleiro convidado. Íamos atrás dele e não podíamos ultrapassá-lo. Eu uma vez não consegui travar o meu cavalo, mas tive de o segurar para não ultrapassar o Presidente.»

«A condessa de Barcelona, a mãe do rei de Espanha, era igualmente convidada, e montava muito bem. Maria Carolina Moniz Galvão também participava na caçada à raposa como convidada», diz Syder Santiago. Conta tudo no salão acolhedor da sua vivenda. Ela e a família comparecem assiduamente nas festas organizadas por Moniz Galvão na Quinta dos Cedros, em Odivelas, para a caçada à raposa.

A matilha sai a correr logo pela manhã, acompanhada pelos treinadores, juntamente com 30 a 40 cavalos. Os cães farejam e alcançam as presas; ladram, e os cavaleiros seguem-nos, e as raposas fogem, sempre mais rápidas do que os cães. Mas quando estes já estão muito perto delas uivam — e é assim que se dá o sinal de proximidade. A partir de então, as raposas ou são apanhadas ou se escondem nos buracos.

São pessoas que aprendem o hipismo na infância. Ana Maria começa a montar aos 5 anos: «A vida era sã, uma vida de desporto, saudável. Pegávamos nos cavalos e íamos pela Marginal, grupos de mais de dez. Seguíamos para o Guincho. Os Espírito Santo também tinham cavalos, e juntávamo-nos todos. Nós vivíamos na Quinta da Princesa. Inicialmente tive um instrutor, o capitão Gomes, que era do Regimento de Cavalaria N.º 2 de Lanceiros. Éramos sete irmãos, ele ia lá à quinta dar aulas a todos. Os Espírito Santo também tinham aulas, tal como a princesa Gabriela e o príncipe Vítor Emanuel. Ia tudo montar à quinta, todos foram alunos do capitão Gomes.»

A Quinta da Princesa, onde vive Ana Maria, é um mundo, um espaço completo, com capela, em que todos os domingos se reza a missa. Não é uma igreja paroquial, mas é naquele lugar que os populares das redondezas se reúnem, com permissão da família da cavaleira. É nela que se realiza a missa do Galo, no Natal, e o hábito conserva-se até à concessão de ajuda financeira por parte dos seus pais para a construção de uma nova igreja na zona. Também têm casa no Estoril (que se

mantém), e a Quinta da Alagoa, em Carcavelos, pertenceu aos seus avós. É ampla, com lagos e campos onde se organizam animadas partidas de ténis. Os fins-de-semana são muitas vezes aí passados.

Ela admira o gosto da mãe pela caça: «A minha mãe tinha pontaria. Atirava, o que dava um bigode nos homens todos. Ia ao tiro aos pombos no Estoril. Uma vez estavam lá os campeões de Itália e de Espanha, e ela era a única mulher. Ganhou o Grande Prémio do Estoril. Oferecia à Igreja o dinheiro que recebia. Caçava muito, ia até Espanha, à perdiz. Numa dessas vezes levou um tiro no olho, mas não parou, não desistiu. Era uma mulher fantástica, viveu até aos 101 anos. O meu pai também fazia caça, mas a minha mãe tinha mais pontaria.»

O nome de solteira de Ana Maria é Ribeiro Ferreira. A campeã é já internacional aos 11 anos, ao lado dos oficiais. Aos 15, nos seniores, continua a competir. «Lá fora era mais difícil, mas ainda ganhei a taça, essa taça que aí está atrás de si, por ter vencido a prova de Madrid. Vi subir a nossa bandeira, e tocaram o nosso hino. Estavam também o Ricardo Espírito Santo e a Matilde, irmã da Ana Espírito Santo.»

O hipismo é caro, mas a desportista tem três cavalos, trata religiosamente de cada um e monta todos os dias. Recorda o convívio na década de 50: «O meu pai organizava boas festas. Eram dias passados no campo, os cavalos partiam um a um, de dois em dois minutos. Havia um percurso estabelecido. A última prova foi em 1959, na nossa Quinta da Princesa, e eram 90 concorrentes. Mas de início éramos cerca de 40.

O número aumentou, havia muita gente. Vinham familiares e amigos dos concorrentes. Oferecíamos caldo verde, linguiça, chouriço e pão àquelas pessoas. À noite fazia-se um *buffet* com croquetes, empadas e vinho, claro. Alguns passavam lá a noite.»

É um desporto que mobiliza os privilegiados, como também lembra Ana Maria, filha de Marcello Caetano. «No Campo Grande aplaudíamos os cavaleiros. Tinha amigas cavaleiras. Eu adorava. O meu irmão também foi cavaleiro. Era mais um pretexto social, ia-se em grupo.»

O facto de se ir em grupo, de se saber que há mais pessoas que gozam do mesmo estatuto social, motiva cada convívio e faz muita diferença. Encontram-se, vêem-se, são vistos. E isso tem importância.

Ana Maria Syder Santiago está instalada no cadeirão da sua extensa sala. É afável. Discursa apressadamente. Organiza memórias. Fala do cinema no Casino, das peças de teatro no Monumental, de ir à ópera com vestidos compridos. E não só. «Recordo a Choupana, o Mónaco, a Parada de Cascais, o Clube Naval de Cascais. O Ritz, comecei a frequentá-lo mais tarde.»

Ainda tenta jogar golfe, mas não lhe agrada. Aprende a esqui e anda pela Serra Nevada, depois por Itália, e desliza pelas pistas do Sul da Suíça.

As elites constituem minorias que podem ser mais ou menos organizadas, consoante a situação geral da sociedade em que se enquadram. A força e a própria influência desses

grupos revelam-se marcantes em sociedades tímidas e pouco expansivas, como é o caso do Estado Novo. Trata-se então de um grupo com poder económico a influenciar outro poderoso grupo — o político.

Veja-se a CUF, de Jorge de Mello: é o grupo português mais antigo, com mais de uma centena de empresas entre a indústria, a banca (Totta), a seguradora Império e as firmas ligadas ao sector dos transportes e da imobiliária, além do investimento no comércio colonial. Aliás, uma significativa fatia da riqueza nacional deve-se à CUF, que se transforma num dos mais destacados grupos do século xx, impondo-se no mercado externo, entrando no Brasil e ligando-se a outros gigantes estrangeiros. Tem o seu próprio hospital, um supermercado, onde os funcionários fazem as compras, e é um grande produtor de ácido sulfúrico. A expansão leva a que enfrente novos desafios com a União Fabril de Azoto, a União Fabril Farmacêutica e a Companhia Portuguesa do Cobre. Na generalidade, a companhia está preparada para momentos conturbados e de carácter imprevisível, como revela o livro *Jorge de Mello — «Um Homem»: Percursos de Um Empresário*, de Jorge Fernandes Alves: «Os adubos, os óleos alimentares e os sabões tinham o seu mercado interno bem definido, e os nossos equipamentos eram os mais eficientes, o que nos garantia uma vantagem competitiva indiscutível.»

A CUF é a única cotada em bolsas estrangeiras. E Jorge de Mello, o impulsionador do grupo, também vive entre os prazeres da época. Como diz Syder Santiago, a caça é efetivamente das práticas mais comuns nas famílias abastadas; e Jorge de Mello um apaixonado pela actividade: «Cacei muito de salto e de batida às perdizes. Nisto era bom. Atirei em todas as modalidades de tiro de competição (*skeet*, prancha e pombos). Ganhei campeonatos em todas, tendo até sido campeão ibérico em pombos, e fiz parte de várias equipas nacionais», lê-se no mesmo livro.

José Manuel Espírito Santo, ex-vice-presidente do Banco Espírito Santo, fala-me no gosto pelo desporto. «Pratiquei vela durante toda a juventude. Em Cascais tínhamos a casa de Santa Maria, em cima do mar, e passava a vida no Clube Naval, sobretudo no Verão.» Também pratica caça e joga futebol e voleibol no colégio, onde faz parte da equipa que representa a instituição.

As festas realizam-se normalmente no Verão, em jantares privados, com música ao vivo, que juntam cerca de duas dezenas de pessoas. Laurinda Farmhouse, uma das convidadas dos cocktails oferecidos por Maria Amélia de Mello, fala do ambiente: «Eram casas fabulosas, a da Maria Amélia de Mello ou a do Alfredo da Silva. Fui à festa que a Maria Amélia deu quando inaugurou a sua casa na Boca do Inferno,

na zona de Cascais. Todas as festas eram particulares, tinham ópera e ballet. Era gente que vivia quase que em concha, fazia-se de facto muitos jantares em casa de uns e de outros.»

Ana Maria Caetano completa: «Lembro-me das festas em casa de famílias como Queiroz Pereira, Mello, Quina. As casas eram fabulosas. O Manuel Quina era nosso amigo. Todos os que tiraram Direito tinham sido alunos do meu pai», assegura a filha de Marcello Caetano, no gabinete do colégio onde me recebe, em Benfica.

Os banquetes organizam-se pelas razões mais inusitadas, afirma a cronista social Maria Guadalupe, ainda de volta da alheira desfeita e das batatas fritas: «As festas das embaixadas, muito bem-feitas, normalmente a propósito do dia do país, tinham lugar na residência dos embaixadores. De França, Espanha, Brasil.» Guadalupe saboreia neste instante o seu vinho tinto, não quebra contacto visual comigo, queixa-se do barulho e da confusão instalada no restaurante que ela própria escolheu.

Também Ana Maria Caetano gosta das festas oferecidas pelos diplomatas: «Os embaixadores davam muitos bailes para gente nova como nós, julgo até que sem grande justificação. Eu adorava. Estávamos ali sentadas, e os rapazes vinham-nos buscar para dançar. Adorava. São coisas que as pessoas hoje em dia não sabem.» E a verdade é que o baile de debute de Ana Maria Caetano toma lugar numa embaixada. «Debutei num baile na embaixada de Madrid, dancei com o meu irmão.» Além do tradicional jantar, a festa dos debutes é uma espécie

de viagem, uma viagem agradável, com valsa na abertura e música ao vivo até amanhecer. As debutantes vestem-se de branco.

Muitos dos vestidos elegantes de alta-costura em Lisboa custam cerca de 60 contos*, mas há quem pague 100 contos** por um desses modelos destinados a ocasiões especiais. Também há rivalidade — algumas mulheres apercebem-se de que outras compraram determinada peça luxuosa e desejam de imediato o mesmo vestido, para que se fale igualmente no seu bom gosto, e consequentemente se evidencie a sua capacidade financeira, apesar de este último detalhe não ser exactamente um dado novo aos olhos dos restantes elementos da elite. Isso faz com que, por vezes, se veja vestidos iguais no mesmo banquete, e a situação acaba por representar, para qualquer das protagonistas, um momento de constrangimento, embora ultrapassado com a classe e com a discrição que as caracteriza.

Nos ateliês onde se produz esta roupa de primeira linha trabalha-se arduamente, a um ritmo acelerado, dia e noite, para que se satisfaçam todas as clientes, especialmente quando se verificam grandes encomendas. As produções são quase sempre de inspiração francesa. As bordadoras são experientes e as mais novas esforçam-se por aprender o ofício. No espaço de trabalho cruzam-se linhas e tecidos da melhor qualidade

* O valor corresponde a 2322 euros em 2015, segundo os coeficientes de desvalorização da moeda publicado na portaria n.º 400/2015 de 6 de Novembro.

** O valor corresponde a 3871 euros em 2015.

— aqui também são os bastidores onde se constrói parte das vidas que a cada dia se projectam na roda de uma alta sociedade, onde jamais pormenor algum fica ao acaso.

Que o diga Laurinda Farmhouse, responsável pelo guarda-roupa das mulheres mais ricas da época. Para ela, «vestir alta-costura é exhibir luxo». Começa aos 17 anos a fazer vestidos que vende às amigas. O seu talento brota sem que se aperceba. Passa a ter tanto sucesso, que é convidada para a casa Candidinha. Tem 21 anos e o ordenado inicial é de 3500 escudos por mês em 1955, o equivalente a 1355 euros, valores de 2015. Os pais são pobres e o seu ordenado permite-lhe ajudar a família. «Os meus pais orgulhavam-se de mim, apesar de não se manifestarem.» Na altura, Farmhouse vive em Algés e leva uma vida cronometrada. Mas organiza-se, e, além da costura, pratica ballet aquático e ginástica rítmica de competição.

A Candidinha do Porto, não sendo propriamente de alta-costura, é já muito conhecida pelos bordados à mão e pelo requinte das suas peças. Ao abrir as portas em Lisboa, na Rua António Augusto de Aguiar, só trabalha com alta-costura, que dá muito trabalho, mas depressa conquista um grupo restrito. Mantém 35 costureiras e equipas de três mulheres por vestido. «Fazíamos tudo, *tailleurs*, casacos e vestidos. Eu era *première*, era respeitada, sentia que o meu valor profissional era reconhecido.» Com o molde já elaborado, Laurinda corta a peça e entrega-a à modista. Também há aprendizes no ateliê, as meninas de 12 anos ganham 25 tostões por dia, o equivalente a 93 cêntimos, valores de 2012. Apanham os

alfinetes, tiram os alinhavos, e mais tarde transformam-se todas em grandes costureiras. No seu apartamento, Laurinda Farmhouse diz-me que confecciona a sua própria roupa com o mesmo bom gosto que marca a indumentária que produz destinada às elites. É uma exigente camada da sociedade, mas não tem razão de queixa de nenhuma cliente. «Todas bem-educadas, e, da nossa parte, oferecíamos qualidade que outras casas não proporcionavam». Pergunto pelos preços. E ela fala-me em mais de 2000 euros por um vestido simples, sem qualquer bordado. Também diz que nunca ninguém tentou regatear.

— E a rentabilidade do negócio?

— Claro que era rentável.

Desvaloriza o clima de competitividade entre as costureiras. Explica que cada um tem as suas clientes, ao lembrar-se de outras casas de alta-costura, também muito procuradas na altura. «Ana Maravilhas, Bobone, Maria Luísa Barata, Sérgio Sampaio, Cármen Modas. Os fornecedores eram os mesmos, o que podia marcar a diferença era a qualidade do trabalho.»

— E o estatuto legal dos ateliês?

— Estamos a falar de casas de alta-costura registadas, tudo perfeitamente legal. Eram firmas.

O material que utilizam é importado e a inspiração chega de casas como a Dior, Yves Saint Lauren, Givenchy ou Nina Ricci. «Naturalmente que ia aos desfiles destas casas, e com algumas tínhamos contrato de compra de molde. Isso dava-nos

direitos de reprodução fiel em Portugal. Saía caro, mas compensava.» Tinha clientes como Maria das Neves Rebelo de Sousa, a mãe do Professor Marcelo Rebelo de Sousa, actual Presidente da República. Laurinda fita-me entre pausas e fala da duquesa de Palmela, Mécia Lagos. «Como sabe, pertencia a uma das famílias mais ricas. Vesti-a, por exemplo, quando foi convidada para o casamento do príncipe Alberto do Mónaco. Também fiz o vestido da Maria da Luz Figueiredo para o debut. Vesti pessoas que eram amigas de Salazar, como a Cristina da Câmara, a sua anestesista, para quem fiz um fato.»

A actividade cresce. As solicitações aumentam. O espaço da Rua António Augusto de Aguiar torna-se pequeno, e por essa razão mudam-se para a Avenida da República, uma das zonas mais centrais de Lisboa, onde concentram o escritório, os gabinetes de trabalho e de prova e os quatro ateliês.

Quando dão a conhecer as novas coleções, as sempre aguardadas novidades inspiradas nas casas parisienses, organizam passagens de modelos nos salões das instalações da própria casa Candidinha, com pelo menos cem pessoas na plateia em dois desfiles. Por vezes, estas passagens de modelos são organizadas no Hotel Ritz. Nestes casos, os eventos têm maior alcance e juntam-se mais pessoas. A imprensa não é convidada porque a «clientela era discreta. Eram pessoas que não precisavam de publicidade, não se punham à frente das câmaras, nada tinha a ver com os dias de hoje».

A costureira *première* não se lembra de quem vestia Salazar. «Não faço ideia. Era seguramente vestido por um alfaiate.

Talvez pela Rosa & Teixeira. Não sei.» Ela garante que nunca recebeu recados do presidente do Conselho para que não exagerasse nos decotes ou no comprimento das saias e vestidos, ao confeccionar a roupa.

Laurinda Farmhouse só pára de trabalhar com quase 60 anos. «Não posso precisar a idade, mas era algo que tinha de fazer. Pensei: tenho dinheiro, trabalho que nem uma louca, mereço parar agora e fazer outras coisas. Comprei uma casa a cada uma das minhas filhas e fui para todo o lado. Da Patagónia à Índia. Do Vietname ao Egipto. Da Argentina às costas dos Estados Unidos, passando pela América Central.» Não simpatiza com a Escandinávia, mas adora a Rússia. Conhece toda a Europa, com excepção da Hungria e da Roménia. «Ainda bem que tomei essa decisão. Na verdade, achava que não tinha muito mais tempo.» Tem agora 80 anos. Acabou por manter apenas duas clientes: Maria Barroso (que faleceu em 2015) e Isabel de Bragança, «porque de certa forma representavam o país».

As HISTÓRIAS levam-nos ao Sporting Clube de Cascais, que nasce em 1879 e se torna famoso como a Parada — a Parada de Cascais, ponto de encontro mencionado por praticamente todos os membros das elites. À tarde, as crianças dirigem-se para o clube e brincam depois de vindas da praia. As senhoras jogam *bridge*; mais tarde vem a canasta. Há salas de jogo,

há um bar de que todos falam. Maria Joana Leitão, na altura casada com Henrique Leitão, lembra a organização: «Éramos todos da alta sociedade, e pagava-se uma quota mensal pelo convívio na Parada de Cascais. E organizei lá vários bailes, uma vez que o meu marido foi director da Parada. O Ricardo Espírito Santo também esteve ligado à direcção da Parada. Conhecíamos-nos todos.»

Na opinião de Maria Guadalupe, Joana Leitão e Kiki Espírito Santo «eram das mais chiques, das mais elegantes». Faz uma pausa e diz: «A Kiki Espírito Santo chama-se Maria Ignácia. Sabe, não sabe?» E com leveza pega de novo no copo de vinho tinto.

Os trajectos pelo espaço social surgem de forma convencionalizada, na medida em que não se contempla a ideia de o fenómeno se inverter — significa que será sempre uma minoria a controlar a humanidade. Contudo, além das elites económicas e políticas, existe uma outra, a intelectual, que influencia os sistemas sociais, mas cuja relevância sofre flutuações ao longo dos séculos. A elite aqui em discussão revela influências em todas as frentes, distanciando-se nitidamente das massas. Para Thomas Bottomore, o termo «elite» aplica-se «a grupos funcionais, sobretudo ocupacionais, que possuem estatuto elevado (por uma razão qualquer) numa sociedade».

Porém, entre os elementos das classes sociais mais altas, os estilos de vida variam devido a contingentes próprios, venham de causas familiares ou de outras. É o caso de Ana Maria Caetano, que experiencia um modo de estar quase

atípico para a época, já que parte da sua juventude fica condicionada por causa da doença da mãe. A filha de Marcello conta agora 79 anos. Tem pouco mais de 20 quando a mãe adoece, com uma grave depressão e um problema renal. Ana Maria tem de a acompanhar. Vivem todos em Alvalade, junto à igreja de São João de Brito. «A casa oficial do presidente do Conselho, título hoje equivalente ao de primeiro-ministro, era em São Bento, mas Salazar tinha deixado ali um lugar muito triste, fechado, com móveis antiquados. O meu pai pediu que a casa fosse arranjada, e o espaço foi transformado por um decorador, sem perder a essência. Ele passou a receber algumas pessoas lá, mas nunca nos mudámos.»

Ana Maria Caetano acaba o curso e começa logo a trabalhar. Enquanto o pai assume a presidência do Conselho, volta e meia apoia-o, está ao seu lado nas recepções. Quanto ao estado da mãe: «Um dia sentou-se numa cadeira e disse que não era mais capaz de viver. Morreu ao fim de dez anos, em 1970. As minhas amigas passavam o tempo em muitas festas e em grandes quintas aos fins-de-semana. Eu conhecia toda a gente, mas não ia muito, por ter a minha mãe naquela situação.»

No entanto, a filha de Marcello Caetano aproveita o tempo e consegue sair; faz viagens de barco pelo Tejo, muitas vezes na companhia da Condessa de Avillez, dona de um iate; ao sábado e ao domingo vai ao golfe. «Eram as elites que andavam lá. Aquilo era um clube no Estoril. Havia elitismo, era preciso ter padrinhos para entrar», diz Ana Maria Caetano a respeito da Parada de Cascais.

O Turf Club funciona no Chiado e é também lembrado por todos. Mais um espaço cobiçado, conservador, com tradição, que junta os grupos dominantes. Por lá são conhecidos os prolongados bailes de carnaval, os jogos típicos, os jantares requintados ou as tardes de chá, chocolate e bolos ao som do piano. O clube, direccionado à alta sociedade, vive de elevados donativos, além da cobrança da jóia no valor de 1000 escudos* (em 1950) e das quotas mensais. Porém, em 1951, as contas do Turf Club agravam-se, por causa do aumento do valor da renda mensal, lentamente sentido, mas que em 1952 atinge os 5000** escudos.

Lá se reorganizam, apesar de tudo. E reerguem-se. Os eventos variam, mas mantêm-se os jantares e as reuniões de confraternização. O Turf Club é imparável. Em Maio de 1955, os sócios recebem o seguinte convite: «Por ordem de Sua Alteza Real o Senhor D. Duarte, Duque de Bragança, informo V. Ex.^a que se realiza nas salas deste Club, no próximo dia 20, às 20h30, um jantar em honra de Sua Majestade o Rei Humberto II, nosso Sócio Honorário.» O convite é assinado pelo presidente da direcção, Visconde d'Asseca. É o que se lê em *O Turf Club e a sua História — 1883–1973*, assinado por Franz-Paul de Almeida Langhans e José Mendes Aleixo. A esse jantar comparecem nomes sonantes: José de Mello Breyner, João Salgado, Ruy Ennes Ulrich, Carlos Ribeiro

* O valor corresponde a 422 euros em 2015.

** O valor corresponde a 1935 euros em 2015.

Ferreira, Manuel de Brito e Cunha, Manuel Balsemão ou o duque de Palmela.

Acima de tudo, são estreitas, as relações entre os privilegiados. Maria Guadalupe atira: «Veja que as pessoas eram bem seleccionadas. Não é como hoje. Dizíamos que aquilo sim... era a sociedade portuguesa.»

Manuel Ribeiro Espírito Santo Silva, um dos presidentes do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa (de 1955 a 1973), é o proprietário da Quinta do Peru, onde passa muito do tempo livre, tanto em família como junto de altas individualidades. Nesta quinta, situada em Azeitão, chega a receber o casal Nixon. Mais tarde, até participa na cerimónia da tomada de posse do anterior convidado como Presidente dos Estados Unidos da América.

É imensa, a rede de contactos de Manuel Ribeiro Espírito Santo Silva, e é ele o único banqueiro português que acompanha as reuniões dos responsáveis pelo Fundo Monetário Internacional e pelo World Bank ao longo dos anos 60. As constantes deslocações ao estrangeiro possibilitam-lhe o contacto com indivíduos de outros grupos elitistas, o que permite uma maior projecção da sua instituição no estrangeiro. «No regresso da primeira dessas viagens, garante aos accionistas que os contactos havidos em Nova Iorque e em Washington e os assuntos tratados, por incumbência ministerial, tinham acrescentado valor para o banco», segundo Carlos Alberto Damas, em *Manuel Ribeiro Espírito Santo Silva — Fotobiografia 1908–1973*.

Manuel Ribeiro ajuda financeiramente várias instituições, ao mesmo tempo que se mantém expandindo contactos com gente influente. Enquanto membro de uma das famílias mais ricas do regime de Salazar, o banqueiro não se escusa ao melhor da vida. É convidado para os bailes da Parada de Cascais; continua em encontros no Ritz, e participa nos jantares do hotel; frequenta o Lisboa Jockey Club; faz cruzeiros e safaris; esquia na Suíça; compra um *Rolls-Royce* em Londres; desloca-se a Madrid para as caçadas à perdiz; é recebido em Itália pelo Papa Pio XII, em 1950; visita Hollywood, em 1959; é sócio do Turf Club; e, a partir de 1962, passa a integrar a «comitiva de individualidades que o Presidente Kennedy recebe na Casa Branca». Manuel Ribeiro Espírito Santo Silva é mais um dos rostos dos empreendedores e mais bem-sucedidos no período em análise.

Em conversa com José Manuel Espírito Santo, antigo vice-presidente do BES, pergunto pela vida na Quinta do Peru. Diz-me que continua a ser a raiz da família. «Lá crescemos, lá nos casamos, lá cresceram os sobrinhos, netos e bisnetos. É uma quinta onde cada família tem uma casa. Uns já lá estão a tempo inteiro, outros vão ao fim-de-semana. É um lugar com muita história.»

AINDA HÁ os espectáculos e os grandes concertos que arrasam os grupos dominantes. «No São Carlos, era a ópera. Tudo bem vestido, muito chique. O São Carlos enchia, mas eu

tinha sempre lugar. Era amiga do responsável», conta Maria Guadalupe, a realçar a uniformidade das práticas, e a engolir mais um pedaço de alheira tostada, naquele ruidoso restaurante da Duque d'Ávila.

Maria Callas canta a ópera *La Traviata* exactamente no Teatro Nacional de São Carlos, em Lisboa, em março de 1958, ao lado do tenor espanhol Alfredo Kraus — este é outro acontecimento que junta a nata, com todos de fatos de gala. Aliás, trajam roupa delicada até para irem ao cinema. Contudo, sendo acessível às restantes classes sociais, o cinema não é uma prática exclusiva da elite. O que importa é as estreias, e, nestes casos, tanto para o cinema como para o teatro, exige-se *toilette* especial.

O Cinema Império, inaugurado a 24 de Maio de 1952, obra imponente desenhada pelo arquitecto Cassiano Branco, marca a noite de estreia com *O Preço da Juventude*, filme de René Clair. Para esse evento, os convidados são informados de que a indumentária tem de ser cerimoniosa; o *Diário de Lisboa* faz o anúncio no próprio dia da estreia. Os homens apresentam-se de *smoking*, e as senhoras escolhem vestidos compridos: as peças caras do costume. Entre outros, a gala de abertura acolhe o embaixador francês em Portugal, e a receita da abertura do Império, dessa primeira noite de espectáculos, reverte a favor de duas instituições de solidariedade. Depois, também o Festival da Canção se realiza pela primeira vez no mítico Cinema Império, com Simone de Oliveira em palco, em Janeiro de 1958. Cliff Richard actua na mesma sala, já em 1965.

O cinema recebe no seu palco surpreendentes concertos de *jazz* — Quincy Jones, por exemplo, faz-se ouvir também, então na década de 60.

Maria Callas é das mulheres mais elegantes da época.

Conhecido o seu amor pelo milionário grego Aristóteles Onassis, exhibe jóias e luxuosos vestidos assinados por Christian Dior e Yves Saint Laurent; vive entre galas e é considerada a melhor soprano de sempre. Callas nasce em 1923, em Nova Iorque. No ano de 1958, chegando a Lisboa, fica no Hotel Aviz para actuar no São Carlos, e pede que o camarim seja forrado a seda. Os bilhetes esgotam. A Emissora Nacional transmite o espectáculo em directo. Da plateia chegam aplausos, atiram-se flores. «É verdade, atiraram-se flores para o palco. Foi intenso, excepcional.» As palavras são da filha de Marcello Caetano, a endireitar-se por detrás da secretária, a mirar-me de frente, a revisitar o momento do espectáculo de Callas, na longínqua década de 50. A elegância acompanha-a nos três actos. Durante o espectáculo, um dos vestidos que usa é «de tule, cinzento-violeta, onde faiscavam alguns diamantes. Alta, esguia, muito branca, de olhos electrizantes, com um nariz enorme, equilibrado por uma boca também enorme», descreve Pavão dos Santos no Jornal *Se7e*, de Dezembro de 1981.

Maria Guadalupe realça que só as famílias influentes podiam ser vistas nos grandiosos eventos, caso dos concertos internacionais. «Espectáculos como o da Maria Callas juntavam muita gente com dinheiro, e os bilhetes eram comprados com grande antecedência.»

No final, no palco do Teatro Nacional de São Carlos, de acordo com Vítor Pavão dos Santos, Maria Callas emociona a plateia. «Ajoelhou-se perante o público, deixou cair os braços, curvou profundamente a cabeça, com a longa cabeleira vermelha sobre o peito, e permaneceu assim, estática, como vencida perante aquela torrente de admiração, durante largos minutos, numa atitude de beleza inesquecível.»

Antes disso, a 10 de Março de 1955, precisamente o ano em que Laurinda Farmhouse assina contrato com os proprietários da casa de alta-costura Candidinha, a Grande Orquestra Sinfónica Alemã de Acordeões *Hohner* dá o primeiro concerto no Coliseu, apostando em obras de Mozart, Schubert, Webber, Rossini ou Chopin. É «a melhor e a maior orquestra do género no mundo. Trata-se, realmente, de um acontecimento artístico de rara projecção e relevo», escreve-se no *Diário Popular*.

Ana Maria Caetano fita-me. Afasta parte da papelada que tem sobre a mesa de trabalho. «Íamos aos concertos, o meu pai gostava muito de música, tinha um ouvido musical. No São Carlos, um dos camarotes era-lhe reservado, tendo em conta as funções que desempenhava. Eu gostava de ir ao ballet. Vi coreografias de Fonteyn*. Era miúda, tinha o gosto pelo ballet. O meu pai queria que tivéssemos cultura. E adorávamos o intervalo, porque era muito social. Encontrava-se toda a gente, os filhos dos ministros inclusive.»

* Margot Fonteyn foi considerada uma bailarina perfeita e talentosa. Dançando com o soviético Rudolf Nureyev, criou-se um par impressionante. Também actuaram em Lisboa, no Teatro Nacional de São Carlos.

Além do São Carlos, o Teatro da Trindade é outro frequentado pela alta sociedade, e um dos nomes da ópera portuguesa que se ouve, em convidativos serões, é o de Cristina de Castro. Dos teatros mais antigos de Lisboa, começa a funcionar no século XIX, em 1867, e, no dia em que abre as portas, conta com a presença da família real.

Maria Joana Leitão, amiga do costureiro Valentino, vai mais ao teatro do que aos concertos. É presença assídua no São Carlos, e aprecia mais ballet do que ópera. Gosta de fado, por isso frequenta o Bairro Alto, que encontra sempre cheio. «No Teatro Dona Maria, também só se via gente conhecida», avisa ela. A sua mãe nasceu na Quinta da Praia. «No sítio onde foi construído o Centro Cultural de Belém, antigamente era uma casa, um palácio. A minha família tinha que esperar por que a maré baixasse para sair de casa.»

Também é lá onde nasce. Vale de Reis é o nome de família do lado da mãe, e assim assina no colégio enquanto estudante.

O Teatro Monumental, em Lisboa, é outro lugar onde se junta a fina flor entre os anos 50 e 60. Inaugurado em 1951 — na década das infra-estruturas e das obras colossais —, o Monumental é todo trabalhado em pedra por fora, carregando estátuas e grandes colunas. Majestoso, é marcado pelo retrato da sua própria arquitectura. No interior, a decoração surpreende, e o espaço transforma-se numa referência da cidade. Em 1952, recebe aquilo que fica conhecido como Tardes de Ballet, com estreias das coreografias de Fernando Lima.

O Ballet Concerto (1955) ou o Ballet de Lisboa (1958) são algumas das fascinantes companhias de bailado que permitem interacção social entre diversos rostos importantes da vida portuguesa e internacional. Verifica-se uma oferta crescente de conteúdos culturais — o Monumental também é cinema e tem uma sala de 2000 lugares, com recurso a tecnologia (então) avançada, que permite estreias de qualidade. Syder Santiago recorda: «Ao Monumental, íamos mais ao teatro, via a Laura Alves, o Vasco Santana. E ia ao casino ao cinema.» São evidentes os pretextos para que mulheres e homens constantemente recorram a guarda-roupas sofisticados, dados os desafiantes encontros programados.

Ainda em 1955, ano em que morre o milionário Ricardo Espírito Santo Silva, a sala do Teatro Monumental, no Saldanha, enche-se para que se veja a peça *A Severa*, com a participação de Amália, fadista e atriz, numa representação dramática de uma adaptação do romance, original de Júlio Dantas. Amália sobe ao palco, para interpretar Severa, ao lado de Paulo Renato, que faz de Conde de Marialva.

É ainda nesta década que, pela primeira vez, Amália Rodrigues recebe uma condecoração. Os olhos do mundo já se concentram em si — em 1959, é considerada pela revista americana *Variety** uma das cinco melhores cantoras a nível mundial, numa altura em que já pisou o Olympia de Paris e em que, juntamente com Edith Piaf, rodou *Musica*

* Revista americana especializada em cinema, fundada em 1905.

de Siempre. A condecoração é-lhe atribuída dez anos depois de ter cantado pela primeira vez no palco do Casino Estoril, na Primavera de 1949, a 12 de Maio. No mesmo ano, foi capa do semanário *O Século Ilustrado*, de 27 de Agosto, retratada pelo pintor Eduardo Malta, considerado o pintor da aristocracia — o mesmo que pintou a condessa das Alcáçovas e sua alteza a princesa Esperanza de Orléans e Bourbon. Nessa capa, no canto inferior direito, lê-se: «Amália, a rainha das rainhas do fado.»

Por onde actua, sempre que pisa o palco, a plateia esgota. «Desde há muito que, a começar pelos portugueses, a aristocracia adorava Amália, e com destaque para Humberto de Itália, que corria a ouvi-la no Luso e no Coliseu. Comentava-se que Amália ganhava, no Casino, a soma fabulosa de 15 contos* por actuação. Pois, se tal lhe pagavam, é porque sabiam que com Amália a sala estava sempre a transbordar e porque tinham nela uma artista que dava ao casino um prestígio imenso», escreve Pavão dos Santos, no *Se7e*.

SALAZAR GOSTA de ouvir Amália.

Numa das recepções no palácio de Queluz para que é convidada, vê-se uma artista que canta incansavelmente. Salazar, a certa altura, diz: «“É uma vergonha! É a primeira vez que

* Valor corresponde a 6330 euros em 2015.

me deito tão tarde. É uma vergonha!” Mas ela cantava, ela falava, aquilo nunca mais acabava. Foi uma noite muito familiar.» As memórias são de Syder Santiago.

Mas a que grupo pertence o público que enche as salas quando a cantora sobe ao palco? Pavão dos Santos diz que a demografia de quem a segue é «semeada de estrangeiros cultos e conhecedores».

Maria Joana Leitão ouve Amália pela primeira vez no Casino Estoril. Reencontra-a no Brasil, e também quando a fadista canta na zona onde ela agora reside, em Alfama, Santo Estêvão. «Ela tinha uma paixão pelo [Eduardo] Ricciardi, grande amigo do meu marido.»

Amália encanta o povo e brilha junto das elites político-financeiras.

Como se sabe, o Estado Novo difunde uma visão com traços extremamente conservadores quanto às atitudes permitidas às mulheres, sobretudo no espaço público. As senhoras das elites, contudo, poucas e demasiado ricas, vivem discretamente nas suas mansões e caminham em circuitos fechados. Na verdade, o peso dos grupos dominantes associa-se à tradição familiar, que se prende com a sua cultura, a sua ética, o seu lucro e o seu estatuto social, numa rede onde socialmente se dão os mesmos passos. A costureira *première* garante: «Sim, era a alta sociedade. Queiroz Pereira, Espírito Santo, Champalimaud, famílias poderosas. Recordo as marquesas e as condessas — a marquesa de Mendia, a condessa de Taveira, a família Balsemão — a mãe e a tia do Balsemão

eram minhas clientes. Naturalmente, havia uma rede de pessoas que na prática se dedicavam ao mesmo.»

As elites são fechadas e específicas, normalmente com o peso do nome da família na retaguarda, recorrendo a esse espaço privilegiado e simbólico, em que quase sempre alimentam a construção da ideia da realidade social. O sociólogo Augusto Comte é defensor dos valores tradicionais, relaciona a vida familiar com a vida social, diz mesmo que o estudo da família ajuda a compreender a sociedade.

A vida é delineada pela descrição: «Havia coisas de que não se falava, como o dinheiro, por exemplo. Só soube que os meus pais eram ricos muito mais tarde, já quase casada. Havia dinheiro, havia, mas não se falava. Nós, da nossa idade, não falávamos disso. É claro que depois de casar foi diferente, mas não se comentava isto do dinheiro», explica Ana Maria Syder Santiago, quase hora e meia depois de ter iniciado esta viagem no tempo, ainda instalada no cadeirão da moradia situada no Restelo.

Ana Maria Caetano sente o mesmo, e diz que não reparava sequer na riqueza dos outros. «A minha mãe não ligava, de todo. Não gastava dinheiro em vestidos nem nada, e não era por forretice. No entanto, exagerava nas regras. Tinha tudo muitas etiquetas, e nisso vivíamos como todos os outros. Ela cresceu num ambiente social muito bom, era amiga de grandes pintores. João de Barros, o pai dela, meu avô, era tudo cultura. Ela teve acesso a uma sociedade de cultura intensa.»

Farmhouse, a costureira da casa Candidinha, continua a revelar momentos desse tempo. «Um piquenique fabuloso na

quinta do Manuel Vinhas, no Ribatejo.» Maria Guadalupe também é amiga dessa família: «Ia mais às festas do Mário Vinhas, o irmão do Manuel Vinhas, porque éramos amigos. A família Avillez também era importante, assim como todas as outras, claro.» Nesta altura, Maria Guadalupe sugere que se peça a conta para nos retirarmos do restaurante, mas o certo é que a conversa continua ali mesmo, até porque Guadalupe ainda come.

Fala-se dos que pertencem a um estrato elevado e partilham ideais e comportamentos que não se assemelham aos da classe social dominada. De certa forma, analisar as práticas das famílias ricas é desmistificar todo um sistema, bem como a própria ordem social. «Em 1960, os estratos sociais superiores constituem apenas 1,2 por cento da população, uma proporção muito mais baixa do que a do resto da Europa (na aristocrática Inglaterra, por exemplo, esse valor é de 3,3 por cento)», compara Joaquim Vieira, em *Portugal Século xx — Crónica em Imagens 1960–1970*. Os dados confirmam que se trata do charme e da fortuna de uma minoria.

Analisando a génese do conceito de classe, o sociólogo Pierre Bourdieu faz uma definição elucidativa, em *O Poder Simbólico*. Refere um «conjunto de agentes que ocupam posições semelhantes e que, postos em condições semelhantes e sujeitos a condicionamentos semelhantes, têm, com toda a probabilidade, atitudes e interesses semelhantes, logo, práticas e tomadas de posição semelhantes».

O poder da alta sociedade portuguesa leva como pano de fundo uma rede de mulheres e homens para quem o assegurar de uma vida cheia e requintada se reveste de significado. Os padrões da elite não só estão estabelecidos como também são respeitados. As vivências fazem parte de uma linha comum, presentes nos mesmos lugares de sociabilidade. Assim, as vidas das famílias com tradição equilibram-se à volta do mesmo e dos mesmos, juntamente com os resultados dos extraordinários negócios a que se dedicam. A família, a empresa e o grupo social formam um indissociável triângulo, um núcleo fechado. O êxito dos projectos representa prestígio, que não se separa nem dos rendimentos nem do estatuto. Também as referências às práticas sociais, sempre no plural, reflectem como decorre o tempo de lazer: numa proximidade extrema.

E o que explica isto? O que motiva os encontros? O que impulsiona a organização das festas elitistas? Syder Santiago fala de uma das razões: «Eram as famílias. Os pais eram amigos uns dos outros, e eram famílias grandes. Os Espírito Santo eram 11, os Palmela eram 11, nós éramos 7. Era tudo famílias grandes, próximas, havia filhos de todas as idades e convivía-se muito.» Laurinda Farmhouse é directa: «Sabe qual era o pretexto para as festas? A própria vida social.»

Em Alfama, observo os elegantes movimentos associados aos 87 anos e à beleza aristocrática de Maria Joana Leitão, amiga pessoal de Valentino. Lá fora, está a imensidão do Tejo. Vemo-lo do espaçoso 2.º piso da sua casa. Perdemos o olhar sobre a admirável vista da janela junto à qual conversamos.

— A VIDA PRIVADA — DAS ELITES DO ESTADO NOVO

Com o final da Segunda Guerra Mundial, Portugal conheceu um crescimento económico invulgar, contexto no qual se potenciou o poder e a riqueza dos mais influentes grupos económico-financeiros da ditadura, protegidos pelo regime salazarista. Nesses anos, era luxuosa, mas discreta, a vida dos membros das elites. Preservava-se a tradição familiar e investia-se fortemente na educação, num contraste evidente em relação às condições de vida da esmagadora maioria da população. Apesar das transformações sociais geradas pelo 25 de Abril, estas famílias mantêm hoje a sua influência económica e política, sendo ainda das mais ricas do país.

Com recurso a depoimentos inéditos, Conceição Queiroz, jornalista premiada e pivot dos noticiários da TVI 24, desmonta neste livro os sentidos das principais práticas sociais que unem os elementos das elites portuguesas no período de 1945–1968. São exemplos as idas ao Teatro Nacional de São Carlos para a ópera e para o ballet, as caçadas, o hipismo, o golfe e o ténis, os passeios de iate, as idas à neve, os encontros no Hotel Ritz, na Parada de Cascais e no Turf Club, as viagens intercontinentais ou as sofisticadas festas.

Com base na investigação que realizou para a sua tese de mestrado em História Moderna e Contemporânea, a autora revela como as festas das elites eram meros pretextos para que «as grandes famílias» pudessem circular pelos mesmos espaços e manter interesses em comum, que passavam de geração em geração, em plena ditadura.

**Esta é uma obra fundamental, que revela a ostentação
e a celebração vividas no regime autoritário
do Estado Novo.**

v o g a i s com todas as letras 20 20 editora	ISBN 978-989-8839-90-9  9 789898 839909 História
--	--